

Análise Aprofundada da Entrevista com Hannah Arendt (1964)

Esta entrevista com Hannah Arendt em 1964 oferece uma visão abrangente de suas perspectivas sobre filosofia, política, sua identidade judaica e suas experiências pessoais. A conversa revela nuances importantes em sua obra e biografia, destacando temas como a distinção entre teoria política e filosofia, o papel das mulheres na academia, o impacto do Holocausto e a importância da língua materna.

1. Distinção entre Filosofia e Teoria Política

Arendt começa a entrevista protestando contra a denominação de "filósofa", afirmando que seu campo é a **teoria política**. Ela enfatiza uma **tensão fundamental entre filosofia e política**:
"Eu não pertenço ao círculo dos filósofos, minha profissão – se se pode falar assim – é teoria política. Eu de forma alguma me sinto uma filósofa. Eu também não estou, creio eu, incluída no círculo dos filósofos, como você gentilmente diz. Mas se eu for falar da outra questão que você mencionou na introdução, você diz que é popularmente uma ocupação masculina, ora, não precisa continuar sendo uma ocupação masculina."

Arendt vê a filosofia como intrinsecamente avessa à política, com uma "hostilidade" em relação a ela. Sua meta é ver a política com "olhos de certa forma não turvados pela filosofia":

"A diferença está na própria coisa, que é a expressão 'filosofia política', que eu evito. Essa expressão está extraordinariamente carregada pela tradição. Há uma tensão entre filosofia e política, ou seja, entre o ser humano enquanto filósofo e o ser humano enquanto ser de ação. Uma tensão que, neste sentido, digamos, na filosofia da natureza, não existe."

"O filósofo se opõe à natureza, na verdade, como todos os outros seres humanos. Quando ele pensa sobre isso, ele fala em nome de toda a humanidade. Ele não é neutro em relação à política, diz Platão, não. Há uma série de, digamos, uma certa hostilidade em relação à política na maioria dos filósofos, com pouquíssimas exceções. Essa é uma hostilidade contra a política, e você não quer fazer parte dela porque acredita que isso prejudicaria seu trabalho."

"Eu não quero hostilidade, ou seja, quero ver a política com olhos, por assim dizer, não turvados pela filosofia."

Para Arendt, a filosofia se ocupa de verdades eternas e universais, enquanto a política lida com o contingente, o plural e a ação humana.

2. O Papel da Mulher e a Desconexão com a Questão Feminina

Quando questionada sobre sua experiência como mulher em um campo tradicionalmente masculino, Arendt revela uma visão "antiquada", que prioriza a "manutenção de qualidades femininas":

"Sim, o problema como tal, claro, sempre existe, e eu sempre fui, eu fui na verdade antiquada. Eu sempre fui da opinião que existem certas ocupações que não são apropriadas para mulheres, que não lhes convêm. Se eu disser que não parece bom quando uma mulher dá ordens, ela deve tentar não chegar a essas posições se não quiser manter suas qualidades femininas. Se eu tenho razão nisso, não sei. Eu mesma, de alguma forma, mais ou menos inconscientemente, ou melhor, mais ou menos conscientemente, me dirigi a isso. O problema em si não desempenhou um papel para mim pessoalmente."

Apesar de sua posição de destaque, ela afirma que a questão da emancipação feminina nunca a afetou pessoalmente, pois simplesmente "fez o que queria fazer":

"Eu simplesmente fiz o que queria fazer. Eu não pensei se uma mulher deveria fazer isso, já que geralmente os homens fazem, e agora uma mulher faz, ou algo assim. Isso não me tocou pessoalmente."

3. A Busca pelo Entendimento e o Processo de Escrita

Arendt descreve seu trabalho como uma busca incessante pelo **entendimento**. O ato de escrever é parte integrante desse processo, não apenas uma forma de comunicação:

"Quando eu trabalho, eu simplesmente não me interesso [por impacto amplo]. Quando o trabalho está pronto, eu estou pronta com ele. E o que é realmente essencial para mim, devo dizer, com a ressalva de que ninguém se conhece, que não se deve olhar para as próprias cartas, que na verdade não se deveria fazer o que estou fazendo com você agora. Então, se deixarmos tudo isso de lado, eu gostaria de dizer que o que é essencial para mim é que eu preciso entender. E para mim, a escrita também faz parte desse processo de entendimento."

Ela diferencia sua motivação de muitos homens, que, segundo ela, "gostam ter um impacto":
"Se eu puder falar sobre nós [mulheres], é uma pergunta masculina. Os homens sempre querem ter um impacto terrivelmente. E eu vejo isso, por assim dizer, de fora. Eu mesma não quero ter um impacto; eu quero entender. E se outras pessoas entendem no mesmo sentido que eu entendi, isso me dá uma satisfação como um sentimento de lar."

Arendt também revela que não escreve facilmente e que o processo de escrita só começa quando ela já tem uma compreensão clara do que quer expressar:

"Às vezes sim, às vezes não, mas em si, eu nunca escrevo antes de, por assim dizer, ter tudo claro. Já sei exatamente o que quero dizer, então não escrevo. É por isso que geralmente tenho uma primeira versão, e então ela vai relativamente rápido, porque na verdade só depende da rapidez com que eu digito."

4. A Virada para a Política e o Impacto de 1933

Arendt relata que seu interesse pela política não era inato, mas surgiu em 1933, com a ascensão do nazismo. A queima do Reichstag e as prisões subsequentes foram um "choque imediato" que a fez sentir-se **pessoalmente responsável**:

"Sim, em certo sentido, posso dizer que em 27 de fevereiro de 1933, a queima do Reichstag e as prisões ilegais subsequentes, os chamados 'Schutzhaft'. Depois disso, as pessoas foram para as caves da Gestapo ou para campos de concentração. O que começou então foi monstruoso e hoje foi obscurecido pelas coisas posteriores. Para mim, isso foi um choque imediato, e a partir daquele momento, senti-me responsável. Isso significa que eu não era mais da opinião de que se podia simplesmente assistir."

Ela relata que se sentiu "satisfeita" por ter sido presa e forçada a deixar o país ilegalmente, pois isso significava que ela não estava "inocente":

"Ainda assim, eu acabei não saindo de forma tão pacífica e devo dizer que tive uma certa satisfação. Eu fui presa, tive que sair do país ilegalmente. Eu te conto isso agora. Eu imediatamente tive uma satisfação com isso. Eu pensei: 'Pelo menos eu fiz alguma coisa, pelo menos eu não sou inocente'."

Arendt descreve o ano de 1933 como um ponto de virada tanto "negativo" quanto "positivo". O aspecto negativo foi a **clivagem do mundo intelectual** e a "sincronização" dos amigos com o regime:

"O choque no ano de 1933 foi que as coisas mudaram do político geral para o pessoal, não foi a primeira vez que o político geral se tornou um destino pessoal. Em segundo lugar, você sabe o que é a Gleichschaltung, e que são os amigos que se sincronizam. Ninguém teve o problema, o problema pessoal não era o que nossos inimigos faziam, mas o que nossos amigos faziam. O que aconteceu naquela onda de Gleichschaltung, que foi bastante voluntária, pelo menos não sob a pressão do terror, mas acima de tudo no abandono súbito, foi como se um espaço vazio se formasse ao meu redor. Eu vivia em um ambiente intelectual e conhecia outras pessoas, e pude constatar que entre os intelectuais era assim que se falava, e entre os outros não."

Ela ficou desiludida com o mundo intelectual e decidiu abandonar a atividade acadêmica em favor do trabalho prático:

"Com uma coisa eu saí da Alemanha, como eu pensava na época, claro, sempre um pouco exagerando: nunca mais. Nunca mais toco em nada intelectual. Não quero ter nada a ver com essa sociedade."

O aspecto positivo foi a sua decisão de agir como judia e se engajar no trabalho prático:

"O lado positivo é o seguinte: eu sempre disse uma frase, especialmente quando se é atacado como judeu, deve-se defender como judeu. Não como alemão, ou como cidadão do mundo, ou dos direitos humanos, ou assim, mas de forma bem concreta: o que posso fazer? O que posso fazer? Se eu quero, de qualquer forma. Agora eu quero me organizar, pela primeira vez. E me organizar, é claro, com os sionistas. Eles eram os únicos que estavam dispostos."

Arendt trabalhou com a Youth Aliyah em Paris, ajudando a levar jovens judeus para a Palestina, uma experiência que ela descreve como "trabalho social e educacional regular".

5. A Importância da Língua Materna e o Choque de Auschwitz

Apesar de sua imigração e de escrever em inglês, Arendt afirma que a **língua alemã** permaneceu essencial para ela, como o que "restou":

"O que restou é a língua. Isso significa muito para mim. E eu sempre me recusei conscientemente a perder a língua materna. Eu sempre mantive uma certa distância, também em relação ao hebraico e ao francês, nos quais eu era muito boa na época, assim como em relação ao inglês, no qual escrevo hoje."

"Há uma diferença enorme entre a língua materna e outras línguas. Em alemão, eu conheço uma parte considerável de poemas alemães de cor. Eles estão sempre de alguma forma na minha mente. Isso é, claro, nunca mais alcançável. Em alemão, eu me permito coisas que não me permito em inglês, embora às vezes eu já tenha ficado um pouco atrevida. Mas, em geral, a língua alemã é o essencial que permaneceu e que eu sempre mantive conscientemente, mesmo nos tempos mais amargos."

Ela critica aqueles que "esquecem" sua língua materna, resultando em uma fala clichê na língua estrangeira.

Arendt distingue entre o choque de 1933 e o **verdadeiro choque de Auschwitz em 1943**. O primeiro era previsível e político; o segundo foi um abismo sem precedentes:

"O decisivo não foi 1933, pelo menos para mim não. O decisivo foi o dia em que soubemos de Auschwitz. Isso foi em 43. E no início não acreditamos, embora meu marido e eu sempre tivéssemos, digamos, amigos que contavam tudo. Não acreditamos. Era contra todas as necessidades e requisitos militares, porque se podia entender, todos os historiadores militares entendem algo dessas coisas, disseram: 'Não se deixem enganar, eles não podem fazer isso'."

"Mas isso é diferente. Isso foi realmente como se o abismo se abrisse, porque de alguma forma tínhamos a ideia de que todo o resto poderia ter sido consertado de alguma forma, como na política tudo pode sempre ser consertado de alguma forma. Isso não. Isso nunca deveria ter acontecido, como eu sempre digo, não. E com isso não me refiro aos números, refiro-me à fabricação de pessoas, e assim por diante. Isso não deveria ter acontecido."

Auschwitz foi um evento que "nunca deveria ter acontecido", algo com o qual "ninguém pode mais lidar".

6. Julgamento da Alemanha Pós-Guerra e a Polêmica de Eichmann

Ao retornar à Alemanha em 1949, Arendt tinha uma perspectiva de "boa vontade", acreditando que a base para uma nova sociedade poderia emergir do "abismo" do Holocausto. Ela notou que muitos que colaboraram não eram "assassinos", mas pessoas que "caíram em suas próprias armadilhas":

"Minha reflexão desde 45 era a seguinte: o que quer que tenha acontecido em 33, na verdade, em vista do que aconteceu depois, sem dúvida, a deslealdade dos amigos, se me permite dizer de forma tão rude, que você experimentou pessoalmente, é claro. Se alguém realmente se tornou nazista e depois escreveu artigos sobre isso, ele não precisava se preocupar comigo, eu não falava

mais com ele de qualquer forma. Não esperava mais que ele se manifestasse porque as ações não, isso não importa. Mas esses não eram assassinos, eram apenas pessoas que, como eu diria hoje, caíram em suas próprias armadilhas."

No entanto, com o tempo, sua visão sobre a Alemanha pós-guerra se tornou mais distante e "indiferente":

"E hoje, onde as coisas novamente se firmaram e entraram em um trilho sólido, as distâncias se tornaram maiores do que eram antes, naquele choque. O que significa que os acontecimentos aqui neste país, para o seu sentimento, voltaram muito rapidamente a um trilho fixo, sim, às vezes também a um trilho que eu não aprovo, mas no qual não me sinto responsável por estar de fora."

"Isso significa que estou muito menos envolvida hoje do que estava na época. Isso também pode ser devido ao tempo, 15 anos também não são pouca coisa, não é? Mas você diria, se quiser resumir em uma expressão, indiferença mais forte? Indiferença é demais, mas distanciamento." A entrevista aborda a polêmica em torno de seu livro sobre o julgamento de Eichmann. Arendt refuta veementemente a acusação de que teria "culpado o povo judeu", atribuindo a crítica a "propaganda maliciosa" e "mal-entendidos":

"Eu em nenhum lugar do meu livro acusei o povo judeu de ter se submetido passivamente. Isso foi dito por outra pessoa, ou seja, pelo próprio promotor. Eu chamei as perguntas dele aos testemunhos em Jerusalém de tolas e cruéis."

Ela reconhece que o "tom" de seu livro pode ter causado ofensa, mas defende sua ironia como uma forma de lidar com o grotesco:

"Se a pessoa é da opinião de que só se pode escrever sobre essas coisas de forma patética e emotiva, ou digamos, eu ficarei agressiva. Veja, tem gente que leva uma coisa e eu posso, de certa forma, afirmar de fora, ou seja, que eu ainda posso rir. E eu realmente achava que Eichmann era um palhaço. E eu digo a você, eu li este interrogatório policial de 3600 páginas, e o li muito atentamente, e não sei quantas vezes eu ri."

"O tom é em grande parte irônico, claro. E isso é perfeitamente... o tom está neste caso realmente... porque se me dizem, quero dizer, esta história de que eu teria acusado os judeus, isso é propaganda maliciosa, e nada mais."

7. Amor aos Amigos e a Ação Política

Arendt reafirma sua famosa citação de que só ama seus amigos, não povos ou coletivos. Ela argumenta que a **lealdade a um grupo não deve ser confundida com amor**, e que misturar "amor" e "política" é prejudicial:

"Eu, de fato, só amo meus amigos, e sou completamente incapaz de qualquer outro amor, especialmente esse amor pelos judeus, já que eu mesma sou judia, seria suspeito para mim."

"Pertencer a um grupo é, em primeiro lugar, uma dada naturalidade. Você pertence a algum grupo por nascimento. Agora, pertencer a um grupo, como você diz em segundo lugar, ou seja, organizarse, é algo completamente diferente. Essa organização sempre ocorre sob a égide do mundo. Ou seja, o que aqueles que agora se organizam têm em comum é o que se costuma chamar de interesse, ou seja, o que está no meio. Agora, a relação mundana real, a relação pessoal direta na qual se pode falar de amor, essa existe, claro, no verdadeiro amor, na maior medida, e em segundo lugar, existe, em certo sentido, também na camaradagem. Lá, a pessoa é abordada diretamente, independentemente da relação com o mundo."

"Se você confunde essas coisas, se, por exemplo, você traz o amor para a mesa de negociações, para me expressar de forma muito rude, eu considero isso um grande obstáculo. Eu considero isso político, eu o considero apolítico, e eu o considero realmente um grande infortúnio."

Ela vê o povo judeu como um exemplo de povo "apátrida" e "sem mundo" ("weltlos") por milênios, mas com a fundação de Israel, essa "humanidade especificamente judaica" se perdeu.

8. A Obrigação da Verdade e a Desorientação na Era Moderna

Arendt discute a **obrigação de publicar a verdade**, mesmo que isso cause dor. Para ela, a única questão séria na controvérsia sobre o livro de Eichmann é se "a verdade deve ser silenciada por razões de interesse":

"Esta é, no fundo, a única questão que me interessa em toda a controvérsia sobre o livro de Eichmann. Embora nunca tenha surgido, exceto quando eu a abordei. Eu a abordei frequentemente no prefácio. É a única questão séria. Porque, por sinal, toda essa bobagem de propaganda se dissolve. Porque o livro de Eichmann, de fato, não prejudicou ninguém. Ninguém foi prejudicado em seu interesse legítimo."

"Eu diria que a imparcialidade é o que veio ao mundo como 'amor à sabedoria'. Mesmo que o amor silencie, o que é mais importante é a liberdade. É isso que diz 'Heródoto', que as grandes ações dos gregos e dos bárbaros são inspiradas por essa liberdade. Disso surge toda a ciência, incluindo a historiografia. Se não se é capaz dessa imparcialidade, porque se finge amar o próprio povo a ponto de lhe ocultar constantemente a verdade, enfraquecer, dar tapinhas nas costas e, por assim dizer, beijar a mão, então não se pode fazer nada. Sou da opinião de que isso não tem justificativa."

Arendt lamenta a "**desorientação**" na era moderna, onde a experiência política e o senso comum são perdidos. Ela descreve uma sociedade dominada pelo "processo de trabalho e consumo", que leva à "despersonalização" e à "falta de mundo" ("Weltlosigkeit"):

"Neste, o que se refere à existência humana, aspecto mais importante, a capacidade de agir está hoje limitada a poucos. O que isso significa na política prática, senhora Arendt, e até que ponto, nessas circunstâncias, uma forma de estado que teoricamente se baseia na corresponsabilidade de todos os cidadãos se torna uma ficção?"

"Isso é, a meu ver, o mais importante de meus trabalhos. Não creio que exista um processo de pensamento que não seja pessoal. Ou seja, todo pensamento é refletir sobre a coisa, pensar a coisa, já que vivo no mundo moderno. E, claro, eu tenho minhas experiências no mundo moderno. Além disso, isso já foi constatado por muitos outros. Veja, a questão do trabalho e do consumo, que em minha apresentação são apenas dois lados do mesmo fenômeno, ou seja, desse ciclo em que a vida oscila, como tudo o que é vivo oscila, isso é tão importante e, a meu ver, também tão nefasto. Porque nele se manifesta novamente uma falta de mundo. Não se importa mais com a aparência do mundo."

Ela observa que essa desorientação afeta não apenas as massas, mas também os líderes políticos, que dependem de uma "multidão de especialistas" e devem tomar decisões em um processo "misterioso".

9. A Influência de Karl Jaspers e o Risco da Esfera Pública

Arendt destaca a **influência fundamental de Karl Jaspers**, seu mentor e amigo. Ela elogia sua "confiança irrestrita" e sua "incondicionalidade ao falar", bem como sua conexão entre liberdade e razão:

"Ele tem uma confiança irrestrita, uma incondicionalidade no falar que eu nunca conheci em nenhum outro ser humano. Isso me impressionou quando eu era muito jovem. Ele também tinha um conceito de liberdade acoplado à razão, que me era completamente estranho quando cheguei a Heidelberg. Eu não sabia nada disso, embora eu fosse fã de Kant. Eu vi essa razão em prática, e se posso dizer, eu cresci sem pai. Eu me deixei educar por ele, ou se quiser, na medida em que ele conseguiu. Eu não quero, pelo amor de Deus, me sentir responsável. Então, na medida em que alguém conseguiu me trazer à razão, me educar, sim, no sentido de me trazer à razão, foi Jaspers."

Finalmente, Arendt aborda o "**risco da esfera pública**". Para ela, isso significa não apenas expor-se como pessoa, mas também assumir a responsabilidade pelas consequências imprevisíveis das próprias ações:

"O que isso significa para Hannah Arendt? Ora, o risco da publicidade parece claro. A pessoa se expõe à luz da publicidade, e o faz como pessoa. Eu também sou da opinião de que não se deve refletir sobre si mesmo em público, agir em público. No entanto, eu sei que em toda ação a pessoa se expressa de uma forma que não ocorre em nenhuma outra atividade. Na ação e na fala, a fala é uma forma de... como em nenhuma outra atividade. Isso é uma coisa. O segundo risco é:

começamos algo. Lançamos nosso fio em uma rede de relações. O que se tornará, não sabemos. Todos dependemos de dizer: 'Perdoai-os, pois não sabem o que fazem'. Isso vale para toda ação, de forma bem concreta, porque não o sabemos.' Para Arendt, esse risco só é possível com "confiança nas pessoas".